



A estratégia hegemônica do realismo na narrativa venezuelana e haitiana no início do século XXI

The Hegemonic Strategy of Realism in the Venezuelan and Haitian Narrative in the Beginning of the 21st Century

Dionisio Márquez Arreaza

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil
dionisioula@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2764-379X>

Resumo: O trabalho analisa dois textos realistas latino-americanos, *Bicentenaire* (2004) do escritor haitiano Lyonel Trouillot e *Yo maté a Simón Bolívar* (2010) do venezuelano Vicente Ulive-Schnell, como produtos simbólicos em circulação num campo comunicacional amplo no qual o sentido das obras como mensagens interage com o horizonte ideológico de época. A leitura literária da identidade dos personagens se fará tomando em conta o conceito de articulação de Gramsci (2011). A relação complementar entre obra e mercado se fará partindo do conceito gramsciano de hegemonia, revisado em sentido pós-estrutural por Laclau e Mouffe (2001), e também da leitura política da literatura proposta por Jameson (1994) e Rancière (2000; 2007). A tensão nas identidades marginalizadas e classes sociais articuladas nos romances aponta para uma exibição crítica da vida nacional e a desigualdade socioeconômica e, além disso, para a construção de uma nova hegemonia cultural. Porém, as obras e seus autores lidam com a frustração de observar os limites do mercado literário no debate nacional ao se deparar com o baixo índice de leitura de sociedades dominadas hegemonicamente por outros horizontes, mercados e suportes comunicacionais.

Palavras-chave: romance; Haiti; Venezuela; articulação identitária; hegemonia cultural.

Abstract: The article analyzes two realist Latin American texts, *Bicentenaire* (2004) by Haitian writer Lyonel Trouillot and *Yo maté a Simón Bolívar* (2010) by the Venezuelan Vicente Ulive-Schnell, as symbolic products in circulation in a broad communicational field in which the meaning of the works as messages interacts with the ideological horizon of the time. The literary reading of the characters' identities will be done

taking into account the concept of articulation by Gramsci (2011). The complementary relationship between literary work and market will be based on his concept of hegemony, reviewed in a post-structural sense by Laclau and Mouffe (2001), and also on the political reading of literature proposed by Jameson (1994) and Rancière (2000; 2007). The tension in marginalized identities and social classes articulated in the novels points to a critical exhibition of national life and socioeconomic inequality and, moreover, to the construction of a new cultural hegemony. However, the works and their authors deal with the frustration of observing the limits of the literary market in the national debate when faced with the low reading rate of societies dominated hegemonically by other horizons, markets and communicational supports.

Keywords: novel; Haiti; Venezuela; identity articulation; cultural hegemony.

1 Introdução

A literatura como ferramenta latente de transformação cultural participa da concorrência pelo “domínio” sobre o que as pessoas entendem como o comum, mesmo se com um alcance menor, quando comparada às ferramentas audiovisuais contemporâneas. Estas últimas são visivelmente hegemônicas em relação à literatura, mesmo que ela circule também nos mesmos suportes sociodigitais. Ainda que como mera intenção, tal mudança possível das ideias dominantes sobre o estado de coisas naturalmente aceito, dentro de um país, território ou sociedade, inclusive dentro de uma de suas classes sociais, se faz necessária e urgente em função das injustiças e desigualdades existentes e comprováveis, considerando se esse espaço coletivo está ou não a caminho de ser mais justo ou próspero.

Nesse trabalho, os romances *Yo maté a Simón Bolívar* (2010) do escritor venezuelano Vicente Ulive-Schnell e *Bicentenaire* (2004) do haitiano Lyonel Trouillot são entendidos como mensagens de persuasão cujos conteúdos literários circulam no mercado de produtos simbólicos no intuito de influir no horizonte “ideológico” da sociedade e persuadir os indivíduos no que concerne a seus valores para construir uma nova hegemonia da cultura, ou seja, o domínio da ideia de reconhecer a diversidade sociopolítica e cultural da contemporaneidade, mesmo se ela for irreconciliável discursivamente.

O realismo literário que se refere ao seu momento social e político pode ser analisado em termos de discurso e de comunicação. Vou postular que o conteúdo propriamente literário participa dos circuitos

de comunicação dentro e para além do que se entende por literatura. A existência dos circuitos interligados de produção e recepção de textos e de informação junto com os interesses de mercado, confirmam o que em 1994 Fredric Jameson tinha chamado de “imperativo político” de toda obra de ficção, e o que Jacques Rancière tinha chamado de regime estético e da escrita que caracteriza o espaço “comum” e “compartilhado” do escritor “qualquer” e do leitor “qualquer” (RANCIERE, 2000, p. 15; 2007, p. 21). O entretenimento da arte e a conscientização sobre a crítica social que emana dela (estes polos do dilema perene da crítica da arte e da literatura), não se excluem um ao outro e são irreduzíveis entre si porque a recepção é um fenômeno de apropriação e reapropriação que não obedece *a priori* às intenções autorais ou editoriais.

No plano teórico comunicacional, a disputa pelo sentido da obra, que poderá orientar ou não os debates da sociedade, pode ser entendida através do conceito de hegemonia de Gramsci, que ele próprio esquematizou na seguinte “fórmula” social: “[o] Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção” (2011, p. 269). A junção conceitual entre instituições estatais coercitivas e o campo hegemônico das mídias, dos partidos políticos, das categorias profissionais, etc., define o chamado “estado ampliado”. De modo que a expressão do escritor, a recepção do leitor e o mercado de literatura constituem um poder “suave” e civil que “milita” ou persuade, entre outros poderes societais, e podem ser considerados parte efetiva dessa ampliação do estado. Tratando-se de literatura contemporânea, vou entender aqui a linguagem desses romances realistas a partir do viés pós-estrutural de Laclau e Mouffe (2001, p. xi-xii) que entendem o social como discurso e como significativo a partir da noção de ideologia como discurso, sempre que existir um conflito social (EAGLETON, 1991, p. 30). Dessa forma, em cada leitura de cada leitora e leitor, a linguagem romanesca articula as identidades dos personagens de ficção para realizar uma crítica social e uma intervenção discursiva com que construir, ou tentar, uma nova hegemonia cultural.

2 Articulações identitárias

Os dois volumes do romance venezuelano, chamados respectivamente de *Yin* e *Yang*, narram os eventos trágicos durante as duas manifestações simultâneas a favor e contra o governo em abril de 2002, que viram o golpe de estado e a imprevisível volta à presidência de Hugo Chávez. O episódio mais visto e traumático é conhecido como “o massacre da Ponte Llaguno”, um viaduto ao redor do qual dezenove

venezuelanos perderam a vida. O texto trata detalhadamente todas as fases do evento antidemocrático, do início no dia 11 ao fim na madrugada de 14 de abril. Mas, esse massacre, nesses três ou quatro quarteirões da Avenida Baralt até o viaduto (a ponte referida) da Avenida Urdaneta, é o centro da trama romanesca tanto quanto a luta pela interpretação conflituosa do evento é o centro de um imaginário coletivo traumatizado, dividido e demasiadamente polarizado. A obra compreende dois protagonistas: Mary Bastidas, uma jornalista de classe média com formação intelectual de esquerda que investiga os eventos desse abril; e Nerio García, o ativista social e líder das bases populares e chavistas que, depois de revertido o golpe de estado, é nomeado procurador adjunto da república com o objetivo de investigar judicialmente os fatos do trágico evento. Vejamos alguns exemplos textuais que dão conta da articulação identitária do outro político nesse romance.

A diferença entre classes socioeconômicas se apresenta no texto como fato sociológico e demográfico comprovável (ricos e pobres, leste e oeste, mansões e “barrios” ou favelas venezuelanas). Elas poderiam ser consideradas microidentidades socioeconômicas dentro da macroidentidade de ser venezuelano. Mas, ao mesmo tempo, o novo realismo literário não teme mostrar a contraditória e irreduzível fronteira borrada das diferenças entre essas classes sociologicamente consolidadas como também não dessas microidentidades, inclusive de dentro de uma classe. Nesse sentido, a classe média, e a sua visão das outras classes, é um caleidoscópio sociocultural que exemplifica os matizes entre essas fronteiras identitárias. O próprio adjetivo que qualifica a classe “média” parece uma classificação incômoda e provisória por não ser algo em si próprio, nem uma nem outra.

No capítulo nono do primeiro volume, “Una convalecencia bajo vigilancia”, a coprotagonista Mary Bastidas – a jornalista de classe média com sensibilidade social – encontra, no hospital, colegas que participaram da manifestação chavista que passou pela Ponte Llaguno durante os tiros. Um deles tinha sido internado. Não por coincidência, as reflexões políticas da coprotagonista de classe média exploram essas diferenças interidentitárias, e também inraidentitárias:

A classe média venezuelana, tímida, hesitante e sem personalidade, tendia a comungar com as classes ricas. Na condição de ver nesta aliança algum benefício para si mesma, a classe alta manteve o eterno espetáculo de fumaça e espelhos com os quais hipnotizou os venezuelanos comuns e os fez acreditar que faziam parte dos eleitos do país. Mas os senhores do vale de Caracas apenas respondiam aos seus interesses e não hesitavam

em lutar em retirada na primeira ocasião, deixando a classe média na tarefa de bode expiatório nacional.

Mary pensou nisso enquanto seu carro serpenteava pelo tráfego da capital. Como não entrar em pânico com essa desvantagem numérica? Se o equilíbrio quebrasse, se as favelas se voltassem para a conquista do que sempre aspiraram, aqueles que tinham mais a perder eram os membros da classe média. Os palácios burgueses e as vilas dos ricos estavam enclausurados atrás de complicadas estradas nas montanhas que lhes davam uma posição privilegiada no topo do vale, enquanto a classe média vivia lado a lado com as favelas mais dickensonianas. E assim como **a classe de Mary não podia imaginar a riqueza** que cercava as fortunas venezuelanas ou como era tomar um avião pessoal para almoçar em Nova York ou Madri, **as classes mais baixas viam em pessoas como Mary o símbolo da fortuna mais corrompida e nojenta**. Era uma realidade palpável diante do nariz deles: a família média equilibrada que possuía dois carros importados, uma casa secundária na praia e viajava de férias para os cassinos de Aruba; enquanto o eufemismo “humilde” que aplicavam à pobreza venezuelana significava que os pobres tinham o direito de se prostituir como braço barato em uma construção, enquanto o frango e o peixe desapareciam de suas mesas no ritmo galopante da inflação incontrolável sul-americana. (ULIVE-SCHNELL, 2010, tradução nossa, grifos nossos).¹

¹ **La clase media venezolana, tímida, dubitativa y carente de personalidad, tendía a comulgar con las clases pudientes.** A condición de ver en esta alianza algún beneficio para sí misma, la clase alta mantenía el sempiterno espectáculo de humo y espejos con el cual hipnotizaba a los venezolanos medios y les hacía creer que eran parte de los elegidos del país. Pero los amos del valle de Caracas sólo respondían a sus intereses y no dudaban en batirse en retirada a la primera ocasión, dejando a la clase media la tarea de chivo expiatorio nacional.

Mary pensó en esto mientras su automóvil serpenteaba a través del tráfico capitalino. ¿Cómo no sentir pánico ante tal desventaja numérica? Si la balanza se quebraba, si los barrios se volcaban a la conquista de lo que siempre habían aspirado, los que tenían más que perder eran los miembros de la clase media. Los aburguesados palacios y villas de los ricos se encontraban enclaustrados tras complicados caminos montañosos que les daban una posición privilegiada en la cima del valle, mientras que la clase media vivía hombro con hombro con los barrios más dickensonianos. E igual que **la clase de Mary no podía empezar a imaginar la riqueza** que rodeaba a las fortunas venezolanas ni lo que era tomar un avión personal para almorzar en Nueva York o Madrid, **las clases bajas veían en gente como Mary el símbolo de la fortuna más corrupta y asquerosa**. Era una realidad palpable frente a sus narices: La balanceada familia media que poseía dos automóviles importados, una casa secundaria en la playa y viajaba a los casinos de Aruba de vacaciones; mientras el eufemismo “humilde” que aplicaban a la pobreza venezolana significaba que el pobre tenía derecho a prostituirse como brazo barato en una construcción mientras el pollo y el pescado desaparecía de su mesa al ritmo galopante de la incontrolable inflación sudamericana.

Com o didatismo que o caracteriza ao longo da obra, o narrador diferencia as classes socioeconômicas venezuelanas contemporâneas através das reflexões de caráter social da coprotagonista enquanto ela dirige seu carro importado para encontrar com seus parceiros chavistas que dependem do transporte público. Isso evidencia como as ideias de um sujeito de classe não respondem a algo homogêneo, o que não nega a existência sociológica de classe, mas torna, precisamente, complexas as articulações identitárias. No jogo de olhares subjetivos do outro, a classe média tem um ponto de vista especial porque consegue perceber, mesmo que de maneira confusa ou estereotipada, aquilo que tem e aquilo que não tem em relação ao outro, mesmo que as três classes distorçam grosseiramente, relativizem condescendentemente ou se indignem veementemente em razão da sorte material e do status social do outro.

Na sociedade materialista, na qual o consumo é o medidor do bem-estar, como a venezuelana, a distinção entre as classes alta, média e baixa se baseia numa hegemonia cultural que pode se chamar de clássica. O governo esquerdista de Chávez (1999-2013), que no momento dos fatos ficcionalizados (2002) ainda não tinha atingido seu clímax “socialista”, não mudou isso e existiu em contraditório convívio com a hegemonia clássica. A ideia desejada de pertencer ao grupo que decide o destino do país constitui a ilusão da classe “média” prestidigitada pela classe “alta” (“les hacía creer que eran parte de los elegidos del país”). Por exemplo, no episódio da passeata de oposição, a classe média foi convencida a ir a uma manifestação que iria supostamente mudar o país para ver, antes do fim caótico, que tinham sumido os seus convocadores, que são de classe alta.

Além da diferença observada por coisas como as viagens aéreas de jato particular ou em classe econômica, a diferença entre “altos” e “médios” se mede, ainda, pela topodemografia do lar: os primeiros se perdem de vista no “alto e distante” das veredas montanhosas só acessíveis de carro, enquanto os segundos dividem o espaço urbano “ombro a ombro” com os “baixos”, mesmo que em bairros ou setores diferenciados – da janela do prédio urbano dos médios para os “ranchos”² dos “barrios” periurbanos dos baixos. Diante da visibilidade mútua do espaço particular microsegregado e semicompartilhado entre médios e baixos, as posses materiais médias (casa, casa na praia, carro importado e uma viagem internacional casual) representam distorcidamente para os baixos “o símbolo da fortuna mais corrupta e asquerosa”. Seguindo a lógica do narrador, enquanto a distância do rico com o médio é

² Termo usado para moradia pobre comparável às casas de tijolo sem reboco das favelas brasileiras.

hegemonicamente mediada pela admiração passiva e a cegueira dos remediados (“la clase [média] de Mary no podía empezar a imaginar la riqueza [dos ricos]”), a distância do pobre para o médio é subalternamente mediada pela “palpável” ciência de se saber excluído da qualidade material do consenso hegemônico. Através e além do fato da existência socioeconômica das classes registradas, por exemplo, nos institutos de estatística nacionais, seguindo ainda o narrador, o pobre reprova moralmente a “fortuna” do sujeito médio, sendo “fortuna” uma percepção distorcida, no mínimo relativa, do nível material médio. Enquanto isso, a classe média “comunga” ambígua e hesitante com a classe alta que não sente a inflação econômica, e confunde “humildade” com miséria e fome (“[a comida] desaparecía de su mesa al ritmo galopante de la incontrolable inflación sudamericana”). Tudo isso mostra, no imediatismo da crise de abril, o dinamismo das identificações sociais e também a distorção nas percepções que sobre uma identidade se faz a outra nesse jogo sempre subjetivo de olhares do outro.

O romance haitiano narra os trágicos acontecimentos durante um protesto na capital haitiana, Porto Príncipe, baseado livremente na manifestação de 7 de janeiro de 2004 contra o presidente Jean-Bertrand Aristide em que morreram várias pessoas. A narração segue os passos e os pensamentos de Lucien Saint-Hilaire, um estudante de origem provinciana (o Planalto Central), enquanto desce do morro humilde onde mora até as ruas do centro da cidade para participar do protesto com seus colegas de Faculdade, no final do qual ele é assassinado. Ao longo da descida, o narrador focaliza a interioridade do protagonista e isso é uma característica central da obra (BRODZIAK, 2013, p. 102). Lucien irá lembrar os encontros com distintas personagens que irão mostrar as nítidas diferenças identitárias, socioeconômicas e culturais entre o protagonista e os outros personagens. Chama a atenção para o leitor o fato de que os traços identitários de Lucien não partem principalmente do caráter étnico-racial que, todavia, é central na cultura haitiana. É preciso lembrar que a retórica fundacional da nacionalidade haitiana se baseia na identidade negra do processo revolucionário e abolicionista liderado pelos ex-escravos negros, tanto *créoles* (nascidos na ilha) quanto africanos, e os proprietários educados mulatos, de pele mais clara, descendentes de brancos em algum grau.

Além disso, a qualidade lírico-poética do romance define o tratamento da matéria social e funciona como recurso permanente da enunciação. Assim, essa qualidade, partindo do limite da identidade dos personagens, alcança o patamar da interpretação dupla da linguagem realista e política. O título coincide com o termo comemorativo

“bicentenário” e coloca o enredo na elevação, ou melhor, na transfiguração do protagonista no momento concreto do final mortal da marcha, para o momento abstrato da celebração do bicentenário, tanto pelo mérito da palavra poética quanto pelo estilo realista. O paradoxo aqui, pelo menos para uma crítica convencional dos gêneros literários, é ter um romance com linguagem de fortes características poéticas, no qual o tempo está menos atado à temporalidade prosaica, que dá destaque a essa temporalidade. Como uma narração “mais poética” e “menos realista” pode falar politicamente de modo tão forte até mesmo mais que em outras obras latino-americanas propriamente realistas? Narrando o evento concreto e mundano, embora digno, de uma manifestação de rua, referindo-se a um acontecimento do mesmo ano da publicação do romance, 2004, *Bicentenaire* mostra e reflete sobre o problema existencial do estado que não faz epíteto com “nação” (o estado-nação), mas faz dela uma vítima – o estado contra a nação, como diz o antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot (1986). Vejamos um exemplo da articulação identitária do protagonista para compreender a hegemonia cultural haitiana recriada na ficção e ao mesmo tempo questionada.

Uma das formas em que a identidade de Lucien se lê é através da interação dele com outros personagens com marcas claras de classe socioeconômica. No quarto capítulo, Lucien pensa em comprar cigarros antes de passar na casa do seu empregador. Ele dá aulas de reforço de francês para Alfred, o filho de um médico cirurgião, de quem o leitor não sabe o nome, que tem como costume fazer o pagamento aos domingos. Essa circunstância do dia de pagamento é a primeira marca de diferença de classe econômica entre pobre e rico no texto. Lucien e o médico conversam sobre lugares comuns, um pouco sobre o protesto marcado, e no final do bate-papo, o médico solta um gesto pseudocortês. Lemos:

E o doutor se informava sobre a evolução do movimento estudantil; entendia a revolta deles. *Mas, na verdade, eu sei que você me odeia e digo para você que não é justo eu morar nesta casa que o idiota do meu filho herdará enquanto você, que vai para o teatro nos livros, você provavelmente nem tem onde morar.* E o estudante agradecia ao doutor pelo interesse na causa deles. *Mas você é apenas um bruto com dedos hábeis e com dinheiro para torrar. Mesmo se você multiplicar por quatro o valor que você me paga, seu filho nunca aprenderá nada.* Então o doutor punha fim às duas conversas, **a audível e a inaudível**, com uma simples pergunta: *em cheque ou em espécie?* E o estudante respondia: *em espécie.* E o doutor sorria com esse sinal de pobreza (ou essa era a interpretação do estudante), tirava o dinheiro da carteira, escrevia seu texto real, de volutas em volutas, **estendendo as notas: Tudo bem. Meu filho é apenas um idiota que não entende de tempos verbais simples,**

mas você vai ter que se foder lhe ensinando o subjuntivo, porque assim é. Eu pago, você recebe, é a encenação vulgar entre luxo e necessidade, entre orgulho e status. É preciso que Alfred faça aulas, isso corresponde ao nosso status. E a conversa muda, escondida atrás da fachada, deixando se transparecer sob as entonações. A evidência de desprezo por trás da voz clara do homem do mundo falando como pai responsável: *e quanto tempo você acha que terá que continuar para ficar em dia?* E o estudante, o tom muito medido, cada vez mais profissional, ainda que nervoso, esfregando a guimba no cinzeiro de mármore, a voz soando calma, séria e leve, buscando modular o efeito da competência: *mais alguns meses, a qualidade da produção escrita melhora, mas devagar.* **E os olhos ainda conversando**, o doutor se relaxando, acendendo um segundo cigarro de propósito, buscando levar o outro a zerar o seu estoque: *isso mesmo, seu trouxa, você precisa desse dinheiro e minha esposa é completamente louca para acreditar que o besta do seu filho possa um dia escrever uma frase completa* (TROUILLOT, 2004, p. 25-26, tradução nossa, itálicos originais, negritos nossos)³.

³ Et le docteur s'informait de l'évolution du mouvement des étudiants; comprenait leur révolte. *Mais en vérité je sais que tu me détestes et te dis que ce n'est pas juste que j'habite dans cette maison dont mon crétin de fils héritera alors que toi, qui vas au théâtre dans les livres, tu n'habites probablement nulle part.* Et l'étudiant, remerciait de l'intérêt que le docteur portait à leur cause. *Mais tu n'es qu'un rustre aux doigts habiles avec de l'argent à jeter. Même si tu multiplies par quatre la pitance que tu me paies, ton fils n'apprendra jamais rien.* Puis le docteur mettait fin aux deux conversations, **l'audible et l'in audible**, par une simple question : *par chèque ou en espèces ?* Et l'étudiant répondait : *en espèces.* Et le docteur souriait à ce signe de pauvreté (ou telle était l'interprétation de l'étudiant), sortait l'argent de son portefeuille, écrivait son vrai texte, de volutes en volutes, **en tendant les billets** : *D'accord. Mon fils n'est qu'un crétin qui ne comprend rien aux temps simples, mais, toi, tu devras te faire chier longtemps à lui apprendre les subjonctifs, parce que c'est comme ça. Moi, je paie, toi tu touches, c'est le vulgaire jeu de rôle entre le luxe et la nécessité, entre l'orgueil et le statut. Il faut qu'Alfred prenne des leçons, ça correspond à notre statut.* **Et la conversation muette se cachant derrière la façade, perçant sous les intonations.** L'évidence du mépris derrière la voix claire d'homme du monde parlant en père responsable : *Et combien de temps pensez-vous que devra se poursuivre la remise à niveau ?* Et l'étudiant, le ton très mesuré, de plus en plus professionnel, la main pourtant nerveuse écrasant le mégot dans le cendrier de marbre, la voix jouant le calme, grave et légère, cherchant à moduler l'effet de compétence : *encore quelques mois, la qualité de la production écrite s'améliore, mais lentement.* **Et leurs yeux se parlant toujours**, le docteur prenant ses aises, allument exprès une deuxième cigarette, cherchant à conduire l'autre à la rupture de stock : *mais oui, mon salaud, tu as besoins de cet argent, et ma femme est complètement folle d'espérer que son crétin de fils sera un jour capable d'écrire une phrase complète.*

O parágrafo ininterrupto dá continuidade visual à cena, enquanto o uso da conjunção aditiva marca a pausa entre cada movimento na troca entre o médico e o estudante. As grafias itálicas passam a se alternar entre a fala oral que acontece de fato entre os dois personagens, e a fala que ocorre somente no silêncio do pensamento de cada um, ainda que às vezes o narrador use grafias comuns para relatar os conteúdos da troca de modo indireto. A voz narrativa do próprio trecho explica que se trata de duas conversações, a audível e a inaudível (“l’audible et l’inaudible”): a da pseudocortesia que dissimula as diferenças de classe realmente existentes, e a que demonstra essa diferença em toda a sua emotividade expressiva.

Enquanto o cirurgião escuta e faz sinal de compreender a fala audível do estudante sobre o movimento e a causa do protesto, ele faz a primeira fala inaudível na sua mente. Segundo ele, o estudante o odiaria (“*tu me détestes*”) por causa da riqueza que ostenta e que seu filho estúpido (“*crétin*”) vai herdar, enquanto ele só poderia ir ao teatro nos livros – que, provavelmente, só poderia tomar emprestados da biblioteca – e nem devia ter onde morar mesmo (“*tu n’habites probablement nulle part*”). Enquanto agradece o interesse demonstrado pelo médico, Lucien retruca na conversa inaudível. Em tom de preconceito de classe, através do uso da construção “não... senão...” (*ne... que...*), ainda enfatizada pela conjunção adversativa “mas”, diz que o doutor não é senão um rico grosso com dedos hábeis, em alusão à habilidade cirúrgica (“*Mais tu n’es qu’un rustre aux doigts habiles*”). A pergunta audível do médico “*par chèque ou en espèces?*” encerra o diálogo, novamente deixando entrever o artifício das duas conversas. O estudante prefere em espécie, o doutor sorri e esse sorriso Lucien o interpreta como se sua decisão mostrasse um sinal de pobreza para o doutor. Enquanto coloca as notas na mão do estudante (“*en tendant les billets*”), o cirurgião intensifica o argumento na fala inaudível, e reitera a diferença injusta rico/pobre exemplificada por quem faz um esforço inútil ensinando a um imbecil e por quem paga e distribui os papéis socioeconômicos da sociedade porto-principiana (“*Moi, je paie, toi tu touches, c’est le vulgaire jeu de rôle [...], ça correspond à notre statut*”).

Notemos o verbo utilizado para narrar o momento em que o doutor paga o seu empregado: “tendant”, de *tendre*, tender ou estender. Com mais possibilidades de ação do que dar ou pagar, “estender” implica aqui um movimento da mão, um ato de vontade de um sujeito para outro, e uma

cena de troca entre mãos explorada visualmente. Nessa curta frase, “*en tendant les billets*”, o leitor visualiza a mão que dá e a outra que recebe as notas de dinheiro num contexto onde a diferença de classe é negativa e tensa, mesmo que dissimulada e sutil. Se a exclusão social é uma consequência do sistema, existe neste um relacionamento efetivo entre sujeitos e classes. Mas a qualidade do relacionamento é o que interessa. E a farsa do pseudodiálogo continua: o cirurgião pergunta, “como pai responsável”, quanto tempo a mãe o filho iria precisar da reposição; o estudante responde, “em tom mesurado, profissional e calmo, embora algo inseguro”, que mais uns meses pois as melhorias são vagarosas; e o doutor sobe o tom inaudível de arrogância, acendendo mais um cigarro, o dele de luxo, na tentativa de pressionar o estudante a imitá-lo para assim acabar com o estoque deste, e diz, em tom já cínico e injurioso, que “é claro” que precisa de mais tempo porque ele, o “desgraçado”, precisa da grana, mesmo que a sua esposa seja tão “louca” como para pensar que o “besta” do filho fosse capaz de escrever uma frase completa. A conversa dupla audível e inaudível sustentada na alternância entre grafia regular e itálica gera uma dialética do som e do silêncio que constitui um recurso literário para distinguir os sujeitos sociais. O uso dos recursos tipográficos, como os itálicos, no diálogo citado, mostra a multissignificação tanto do interlocutor do diálogo quanto do leitor da obra, o que parece sugerir que a linguagem é um instrumento comunicativo inexato, imperfeito, conjuntural, sem que isso desfaça a estratégia comunicativa. Tal como essa conversa “dupla” entre o cirurgião e o estudante, o narrador descreve a dialética entre o som e o silêncio: a conversa inaudível se esconde na fachada da conversa audível, mas a “perfura” sob as entonações audíveis.

Não se trata de conversas opostas e diferentes, mas de duas conversas da mesma situação e sobre a mesma coisa, de duas falas da mesma língua: a linguagem da igualdade não alcançada em duzentos anos e trazida à tona pela referência paratextual à comemoração do bicentenário da fundação da nação. A oposição audível/inaudível da conversa entre o pobre estudante e o rico médico é correlativa à oposição inclusão/exclusão social da linguagem iluminista contida na constituição (histórica e legal) de Haiti como nação nascida dos processos constituintes das grandes revoluções políticas dos séculos XVIII e XIX (em particular, as Revoluções francesa e, precisamente, haitiana).

Parece ser um sistema disfuncional na origem onde a linguagem que quer ordenar a realidade, quer dizer, as ideologias programáticas

(liberalismo e escravismo ontem; capitalismo e socialismo hoje) com as quais se apropriam os meios de produção materiais e simbólicos, esses instrumentos conceituais acabam sendo a negação do seu enunciado, ou melhor, da sua força enunciativa política e social. A luz da linguagem libertadora é “perfurada” pela sombra da exclusão social, o que implica um processo interno e inerente à questão dos problemas da linguagem moderna e contemporânea. Não estou argumentando que a negação/contradição do sistema por si próprio seja uma anomalia, como se fosse possível ou passível de correção para, então, “finalmente”, construir um mundo melhor e mais justo (isso se chama utopia). O que estou querendo dizer é que essa contradição insuperável é a própria natureza da linguagem que usamos para falar dos subalternos marginalizados e para resolver os problemas sociais. Além disso, penso que o tratamento que fazem destes problemas a linguagem verbal da literatura e as linguagens verbais e não verbais de outras artes são nada menos que as textualizações – o que “já” implica uso e posse de linguagem – e materializações formidáveis e ricas em locuções idiomáticas e idiossincráticas dessa linguagem-mestre nascida das mencionadas revoluções. Na medida em que as identidades dos personagens são articuladas, as tensões da linguagem cotidiana se correlacionam com a instabilidade da linguagem num sentido muito mais amplo (questão que não cabe aqui).

3 Horizonte ideológico

A leitura dos conteúdos literários acrescenta significação ao considerar o horizonte ideológico – entendido, reitero, como ideias concorrentes em conflito – no qual influi ou quer influir. Um pouco de contexto. Os romances haitiano e venezuelano foram publicados, respectivamente, em 2004 e 2010, na primeira década do século XXI. Junto com o triunfalismo neoliberal da década de 1990 que sucedeu a queda soviética, que venceu hegemonicamente a opção real-socialista e que continuou dominando na virada para o novo século, outros marcos históricos fizeram igual impacto no horizonte ideológico mundial, a saber: o ciclo de governos progressistas e integracionistas de esquerda na América Latina iniciado em 1999, precisamente, na Venezuela; os ataques terroristas em Nova York e na capital estadunidense do dia 11 de setembro de 2001; e a crise financeira da bolha de hipotecas *subprime*, ou “Grande Recessão”, de 2008, que colocou em questionamento o capitalismo

mundial e não só euro-estadunidense – cujas consequências persistem até hoje através das políticas fiscais de austeridade, por exemplo, aplicadas na Grécia a partir de 2010 (RANCIÈRE, 2014) ou na Argentina do ex-presidente Macri em 2018. O ataque terrorista enfraqueceu a imagem das potências do Atlântico Norte, ou “nordatlânticas”,⁴ enquanto emergiam alianças multipolares como os BRICS, que inclui o Brasil.

A virada para a esquerda na América Latina mudou a correlação de forças no hemisfério durante essa primeira década de 2000, os tratados de livre comércio com os EUA foram trocados por novos mecanismos econômicos de integração regional como a ALBA (Alianza Bolivariana para los Pueblos de América) fundada por Venezuela e Cuba e, inclusive, o MERCOSUL, nascido no signo neoliberal dos anos 90, teve uma ressignificação progressista no novo século. Embora a qualidade de vida dos povos tivesse melhorado materialmente, impulsionada pela demanda das *commodities* antes e depois da crise de 2008, a euforia progressista foi contrariada pelos questionamentos de alguns setores da esquerda, e não só da socialdemocracia convertida em centro-direita nos anos 90, sobre a maneira de governar, a saber, com uma forma autoritária e/ou repressiva em detrimento da democracia (BAZÁN, 2011, p. 117). Com efeito, os golpes contra Chávez em 2002 na Venezuela e contra Aristide em 2004 no Haiti são sintomas precoces do descontentamento em setores econômicos com influência hegemônica da classe média alta que chamaram esses líderes, amados pelas camadas sociais baixas, de ditadores populistas. Eis o embate no horizonte ideológico não só desses dois países representados nos romances, mas do setor progressista na região, que, mesmo com avanços importantes em matéria social, tenderam à confusão entre pessoa e partido, entre líder e projeto de país; como foi o caso de Chávez, até certo ponto Aristide, e antes deles o caso emblemático de Fidel Castro. Trata-se do problema do personalismo messiânico latino-americano, aliás, com as suas raízes provenientes do autocrata militar haitiano (i.e.:

⁴ O termo *nordatlântico* em espanhol se refere geo-oceanograficamente ao Atlântico Norte e se usa também em sentido geopolítico e sociocultural para descrever o poder de hegemonia dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte ou OTAN, originada no contexto da Guerra Fria (1945-1991) entre esses países ocidentais e aqueles da URSS e que existe ainda, mesmo depois do fim da Guerra Fria. Aqui uso *nordatlântico* como neologismo no sentido da hegemonia geopolítica e sociocultural desses países, encontrado em espanhol em Chomsky *et al.* (2004, p. 49) e seguindo a tradução do termo para o português encontrada em Chai, Bussinguer e Adorno (2016, p. 58).

Toussaint-Louverture, Dessalines, Pétion, Christophe, etc.) e do caudilho militar hispano-americano (i.e.: os venezuelanos Páez, Guzmán Blanco, Cipriano Castro, Gómez, etc.).

Por outro lado, indo do referente político para o referente midiático, a década de 2000 viu o auge do integracionismo latino-americano através do *boom* discursivo comunicacional e editorial tanto em meios de comunicação de massa quanto em universidades e editoras públicas. A criação em 2005 da tevê Telesur, uma multiestatal latino-americana⁵ – financeiramente oposta às transnacionais –, permitiu uma alternativa à hegemonia comunicacional nordatlântica de capital estadunidense e seus aliados naturais das mídias corporativas locais, apresentando no período em questão, e ainda hoje, uma imagem diversa e problemática da América Latina apoiada em especialistas e acadêmicos dos países do hemisfério todo, do sul ao norte, com uma ênfase no signo epistêmico do sul. Antes só lidos em universidades, intelectuais como, entre outros, o argentino radicado no México Enrique Dussel (pai das epistemologias do sul), e o norte-americano Noam Chomsky (pai da linguística moderna e um intelectual contra-hegemônico) aparecem pelo continente através das câmeras da Telesur em eventos que ultrapassam a medida acadêmica e, inclusive, que contam com a presença até dos presidentes ditos progressistas da época. Ao mesmo tempo que tal *boom* enfraquece a hegemonia nordatlântica e seus aliados locais, é arriscado apostar numa nova hegemonia do sul de caráter multiestatal por causa da transitoriedade dos governos eleitos. Porque, se mudar um governo ou a correlação de forças regional, esse tipo de mídia se expõe a desaparecer, arriscando deixar o campo comunicacional de novo sob o domínio dos interesses do capital e dos setores da elite socioeconômica.⁶ Não se trata de que o canal esteja certo ou errado na sua linha editorial de esquerda progressista, mas o fato que representou então e ainda representa hoje uma

⁵ O canal foi criado por Cuba e Venezuela e financiado por estes junto com Argentina, Bolívia, Nicarágua e Uruguai.

⁶ Com efeito, em março de 2016, Mauricio Macri retirou a Argentina da Telesur e, ainda, retirou esta da tevê a cabo no país. Um ano depois da eleição do centro-esquerdista Alberto Fernández, o canal vai para a tevê aberta argentina em novembro de 2020. Em outro caso, com a eleição do direitista Lacalle Pou em março de 2020, Uruguai se retirou da Telesur em doze dias só. Contudo, durante o período estudado da publicação dos romances, Telesur viveu o seu entusiasmo inicial conquistando paulatinamente uma parte da audiência regional.

alternativa frente à linha editorial da direita liberal ou conservadora, de maneira que o público possa ter acesso a ambas. Se antes o problema era a hegemonia de um setor que dominava sem obstáculos maiores, agora o problema é o ruído entre tendências irreconciliáveis em concorrência por uma hegemonia a ser conquistada ou reconquistada.

Nesse contexto do horizonte ideológico do início do século XXI, o político se faz patente também na leitura dos romances haitiano e venezuelano estudados de maneira semelhante. É dessa maneira que a teoria gramsciana é útil na leitura do texto literário, na medida em que o conteúdo literário, da sua imanência estética, participa da reflexão sobre a sociedade e a cultura, ou seja, participa do mencionado estado ampliado. O que significam os personagens marginalizados de grandes cidades capitais aos olhos do leitor coetâneo? Como situar as obras tanto no plano dos conteúdos literários lidos quanto no plano da hegemonia cultural implícita nas palavras do texto e na mente do leitor? A tensão entre as classes mediada através da dialética porto-principiana do audível e inaudível no texto de Trouillot (2004) se correlaciona com o reformismo e assistencialismo nacionalista durante a transição democrática pós-Duvalier na qual o governo de Aristide não conseguiu superar as instituições fracas dominadas pela cultura da repressão herdada. Por sua vez, a diferença de classe e, no caso, a ambivalência e contradição da classe média no contexto da polarização entre chavismo e oposição no texto de Ulive-Schnell (2010) se correlaciona com o chamado Socialismo do Século XXI e o integracionismo latino-americano que viveram a tensão entre a inclusão social da redistribuição da renda petroleira a expensas de manter o clientelismo político.

4 Obras em circulação

Além das pistas do horizonte ideológico de épocas latentes nos conteúdos literários, as ficções guardam uma outra relação propriamente comunicacional no circuito literário do autor, editora e público. Se, por um lado, a realidade pode ser literaturizada para que essas páginas gerem outras páginas de crítica literária que avaliem essa expressão em si mesma ou voltada para a sociedade, por outro, esses conteúdos editados (as personagens, suas falas e a sua ação) circulam como livros no mercado editorial, que são vendidos numa livraria física ou num *site* de loja virtual. São dois tipos de política, uma mais simbólica e outra

mais material, que são simultâneas e horizontais entre si e o predomínio de alguma se deve só ao tipo de leitura adotada, a saber, a leitura da ideologia da forma literária, no sentido de Jameson (1994), ou a leitura ou atividade literária comum partilhada ou *partagée*, no sentido de Rancière (2000). Sem misturá-las, considero ambas como parte de uma crítica mais abrangente. O foco na formalização textual do personagem e do espaço permite reescrever o texto como articulação da identidade subalterna dos sujeitos marginalizados. No texto, o olhar subjetivo do outro que gera a diferença identitária se relaciona, como mencionei acima, com o horizonte ideológico da obra e do leitor (i.e.: dos anos 2000) associado à lógica da hegemonia cultural em cada contexto nacional específico. Aqui o desdobramento. Por sua vez, o olhar do outro no texto se correlaciona com o olhar do livro por parte do leitor. É essa unidade interpretativa entre o texto (personagens, posicionamentos políticos este ou aquele, etc.) e o livro (objeto, palco-plateia, gostos de época, etc.) que Rancière chama de “regime estético da partilha”, para as artes em geral (RANCIÈRE, 2000) e para a literatura, “a política da literatura” (RANCIÈRE, 2007). Como se dá essa compreensão dupla do texto-livro nesses romances do início de século? Qual é a política da literatura latino-americana nesse momento?

O caso do romance venezuelano é singular e curioso, uma espécie de página em branco. Não tem uma edição propriamente, pois não conta com tiragem nenhuma. O seu acesso só existe digitalmente por lojas virtuais como *Amazon*, *E-Bay*, *Barnes and Nobels*, e semelhantes, tanto em versão *e-book*, na edição *Kindle* de *Amazon* (que usei), quanto em livro brochura só por comanda avulsa. Desconheço o número de vendas e se o autor teve intenção de publicar no país, pois naquela época, 2010, o aparato editorial estatal venezuelano vivia um apogeu que fazia vários anos então. De fato, Ulive-Schnell publicou o título *Caracas Cruzada: El Solfeo de Caracas* em 2006 pela editora estatal Fundación Editorial El Perro y La Rana. Ademais, o texto estudado aqui tem quase impacto zero em qualquer circuito de recepção, fora os comentários de apresentação do próprio autor nas páginas de venda do livro, e algum comentário passageiro de algum comprador no site (na *Amazon* tem nove). Isso mostra o abandono por parte da crítica especializada nacional – e estou falando de antes da crise venezuelana pós-Chávez atual – sobre obras literárias que tocam temas polêmicos como o 11 de abril e os eventos da Ponte Llaguno. Vejo, em particular, a indiferença dos meus colegas universitários conterrâneos, nos respectivos grupos polarizados, na hora

de estudar obras novas que, como a jornalista Mary Bastidas na ficção, adotam um ponto de vista que, precisamente, desafia programaticamente a lógica binária da polarização política da Venezuela contemporânea. Isso não quer dizer que a crítica literária venezuelana não estude obras contemporâneas com conteúdo político, mas que todo mundo ignora “esta” obra em particular. Eis, pois, a sorte que também experimenta, às vezes, o novo realismo latino-americano: a indiferença dos leitores e, até certo ponto, editorial, sobre um acontecimento traumático ainda vívido na memória, no caso, dos venezuelanos que viram, viveram, lembram ou sabem disso. Esppeculo que a dor do trauma contemporâneo ou a cegueira da paixão política na imaginação coletiva da nação – antes e depois de Chávez e da crise atual iniciada ao redor de 2015 – alimenta o tratamento de ignorância vis-à-vis uma obra monumental como essa sobre um assunto impossível de ignorar.

Contrário ao caso venezuelano, a recepção e fortuna crítica do romance haitiano são ricas. Veiculado não só pelo índice leitor saudável da França, o texto de Trouillot (2004) ganhou, em 2008, só quatro anos depois da primeira publicação, uma edição escolar pela Hatier voltada para o ensino médio nacional, contendo informações de contexto histórico e exercícios preparatórios para a prova do *baccalauréat*, e em 2015 foi adaptado para cinema por François Marthouret na longa intitulada *Port-au-Prince, dimanche 4 janvier*. A literatura haitiana, na sua maioria, faz parte da literatura escrita em francês e do mercado editorial francófono que reproduz a lógica centro/periferia entre a França hexagonal, como é adjetivado comumente o país europeu continental, e os territórios que foram as suas antigas colônias ou que ainda são territórios ultramarinos seus, como Martinica e Guadalupe no Caribe. Os autores não-hexagonais africanos, americanos, asiáticos, caribenhos, dos oceanos Índico e Pacífico, entre outros, que escrevem em francês têm sido editados através de editoras hexagonais como Seuil, Gallimard e, inclusive, Présence Africaine, entre muitas outras. Para catalogar esse conjunto diverso baseado no idioma, a academia adotou a categoria de literatura “francófona” ou *littérature francophone* (COMBE, 2010; CHAULET-ACHOUR, 2016). Mas ela não resolve o incômodo existencial pós-colonial que implica ser subalterno numa expressão marcada pelo passado colonial e uma tradição literária metropolitana com a qual se identifica parcial e conflituosamente. Tal tensão foi vista na história literária do século XX em autores como Aimé Césaire e Franz Fanon e em movimentos literários como a *négritude* e a

créolité. Tal tensão é revisitada no manifesto “Pour une littérature-monde en français” publicado em 2007 e assinado por quarenta e quatro escritores, entre os quais os caribenhos Maryse Condé, Édouard Glissant e Lyonel Trouillot, autor do romance estudado aqui. A própria edição já evoca a tensão que suscitam os aparelhos hegemônicos dos circuitos literários em língua francesa. O manifesto rejeita a categoria de literatura francófona cuja ênfase no idioma coloca em segundo plano os conteúdos temáticos e culturais diversos (MIGRAINE-GEORGE, 2013, p. x), mas, ao mesmo tempo, o manifesto é publicado pela Gallimard parisiense no centro da questionada “literatura franco-francesa”, para citar a frase problematizadora do autor que redigiu o manifesto, o bretão Michel Le Bris (2007, p. 23). Isso, sem ainda mencionar que no Haiti a língua comum é o *créole* e não o francês, reservado à minoria com educação formal. Mesmo que Trouillot tenha publicado obras em *créole*, a escrita em francês no Haiti já suscita tensões internas pós-coloniais. No caso, o romance haitiano estudado questiona uma dupla hegemonia, a das classes socioeconômicas, no nível do texto, e a das categorias acadêmicas, no nível do livro. Assim, a obra vive o dilema de resistir a ser catalogada como só uma fala subalterna de uma língua-centro quanto também de resistir a ser uma crítica passiva do estado-nação haitiano ficcionalizado. A transfiguração do personagem Lucien é um convite – frustrado? –, se não para superar, pelo menos para refletir sobre a violência do estado e os limites da francofonia.

5 Conclusão

O conteúdo do texto e a recepção do livro participam desse processo de interpretação no qual a articulação identitária se caracteriza por uma ambiguidade interpretativa. Isto, por um lado, pelos conflitos identitários entre os personagens e, por outro, pelas mediações entre leitor e mercado dentro do horizonte de época do herdado triunfalismo neoliberal dos anos 1990 e, como discutido acima, do integracionismo progressista dos 2000 em sociedades emergentes/subdesenvolvidas latino-americanas, cada uma com a sua particular retórica fundacional nacional e o seu particular embate político contemporâneo. Porém, o texto literário que é consumido a partir do mercado do livro vem da realidade e do referente real de países de baixo índice de leitura, analfabetismo funcional, isto é, a leitura sem senso crítico, e onde o leitor real, não só implícito, vem da camada média alta integrada ao sistema

e à ordem criticada e não das camadas populares cujo tempo de ócio fica monopolizado pelos produtos audiovisuais, da tevê comercial e da indústria filmica hegemônicas, até mesmo da mencionada Telesur contra-hegemônica. Esse subdesenvolvimento massivo no plano específico da leitura e da formação de leitores se choca com o circuito das práticas de leitura, do mercado editorial, dos festivais de livros e de literatura, dos eventos e congressos acadêmico-universitários, das dissertações de mestrado e das teses de doutorado – numa relação assimétrica nacional-internacional e local-global – que exerce uma incidência igualmente ambígua ou francamente fraca nas pautas do debate sobre o nacional na sociedade civil e sobre as desigualdades a serem corrigidas. Assim, enquanto esse tipo de escrita literária realista fornece ao leitor os instrumentos para a libertação da mente, permitindo-lhe questionar a hegemonia existente, esse escritor vive a frustração de escrever “para ninguém”, ou mais propriamente, para um grupo pequeno de leitores, e de querer participar num debate formador de uma outra hegemonia sem lograr ter audiência massiva e popular ou, inclusive, uma simples inteligibilidade. De que serve que hoje “qualquer um” possa escrever, se (quase) “ninguém” vai ler e compreender?

O fracasso dos personagens e da leitura no circuito comunicativo literário caracteriza, desse modo, não o fracasso desses romances, mas o romance do fracasso. Nesse sentido, esses romances lidam com: o desafio e a frustração de vindicar uma agenda político-social ampla e não apriorística, e vender livros; de pertencer a um espaço de ação ou exposição restrito ou ilimitadamente global; e uma limitação leitora ou comercial na difusão dos seus conteúdos. Esses dilemas se emolduram, ainda, na sociedade de consumo mistificada audiovisualmente, se mostrando para si na aparência do progresso e da cultura do novo tecnológico e informático. Com efeito, se, por um lado, o mundo literário-editorial-institucional tem tido um impacto limitado e não hegemônico sobre a pauta social do debate nacional (semi)dominado hegemonicamente pela persuasão das mídias corporativas – na América Latina e no resto de Ocidente –, por outro, o mundo digital dos blogueiros, *youtubers* e *influencers*, e as redes sociais dos usuários têm enfraquecido os oligopólios pré-digitais, embora agora digitalizados, da informação e do entretenimento. Assim como Gramsci (2011) viu um “novo príncipe” maquiavelino nos partidos políticos proletários da sua época, o “novo príncipe” hoje pode ser considerado o “usuário” da incipiente revolução digital que não só

consome, mas também produz conteúdos de consumo, embora correndo os riscos da imediatez irrefletida e da chamada “pós-verdade”. Será que os leitores-usuários-cidadãos da era digital possibilitarão possíveis leituras, recepções e ações contra-hegemônicas transformadoras? Ou serão estas freadas e cooptadas mais uma vez pelo falar franco⁷ dos neofascistas?

Referências

BAZÁN, Víctor. Estado constitucional y derechos humanos en Latinoamérica: Algunos problemas y desafíos. In: LÓPEZ ULLA, Juan Manuel (dir.). *Derechos humanos y orden constitucional en Iberoamérica*. Cizur Menor: Aranzadi, 2011.

BRODZIAK, Sylvie. *Haïti: enjeux d'écriture*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3917/puv.brod.2013.01>.

CHAI, Cássius Guimarães; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo; ADORNO, Alberto Manuel Poletti (org.). *Direitos humanos e desafios constitucionais: no Ocaso da Intolerância*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

CHAULET-ACHOUR, Christiane. *Les francophonies littéraires*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.puv.1872>.

CHOMSKY, Noam; ANDERSON, Perry; DAHL, Robert; AMIN, Samir; OLIVEIRA, Francisco de; HART DÁVALOS, Armando; BORÓN, Atilio; CASTRO RUZ, Fidel. *Nueva Hegemonía Mundial: Alternativas de cambio y movimientos sociales*. Atilio Borón (org.). Buenos Aires: CLACSO, 2004.

COMBE, Dominique. *Les littératures francophones: questions, débats, polémiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

EAGLETON, Terry. *Ideology*. London: Verso, 1991.

⁷ A frase conhecida, “franc parler”, é de Michel Foucault e é usada aqui para destacar a maneira como a extrema-direita hoje exerce aberta e desvergonhadamente a sua fala discriminadora.

GRAMSCI, Antonio. *O leitor de Gramsci: escritos escolhidos: 1916-1935*. Organização de Carlos Nelson Coutinho. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious*. Ithaca: Cornell University, 1994.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. 2. ed. rev. London: Verso, 2001.

LE BRIS, Michel *et al.* *Pour une littérature-monde*. Paris: Gallimard, 2007.

MIGRAINE-GEORGE, Thérèse. *From Francophonie to World Literature in French: Ethics, Poetics, and Politics*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1ddr91h>.

RANCIÈRE, Jacques. *Ainda se pode falar de democracia?* Lisboa: KKYM, 2014. *E-book*.

RANCIÈRE, Jacques. *Le partage du sensible*. Paris: La Fabrique, 2000. DOI: <https://doi.org/10.3917/lafab.ranci.2000.01>.

RANCIÈRE, Jacques. *Politique de la littérature*. Paris: Galilée, 2007.

TROUILLOT, Lyonel. *Bicentenaire*. Paris: Actes Sud, 2004.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Les racines historiques de l'État duvalérien*. Port-au-Prince: Deschamps, 1986.

ULIVE-SCHNELL, Vicente. *Yo maté a Simón Bolívar*. [Ann Harbor]: Masa Editorial, 2010. 2v. *E-book*.

Recebido em: 12 de março de 2021.

Aprovado em: 20 de julho de 2021.